

PIBID HISTÓRIA 2017



Caderno Didático

Oficinas: Unidades Temáticas

Coordenação: Aparecida Darc de Souza;

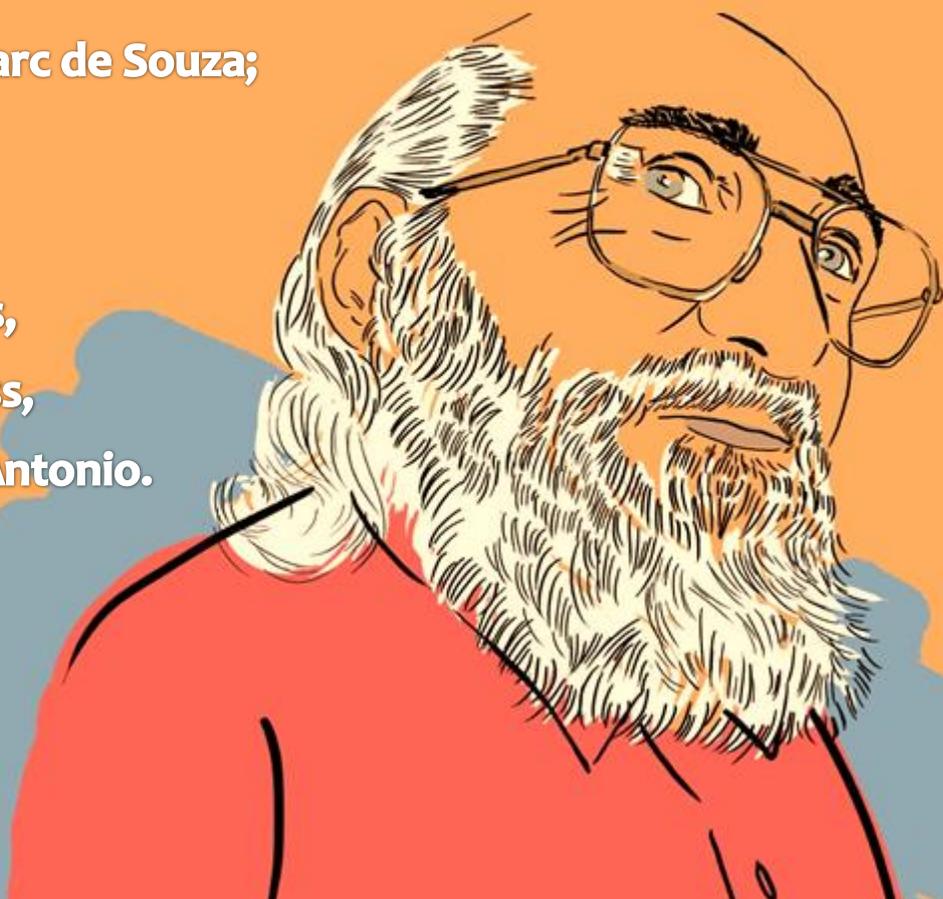
Rodrigo Ribeiro Paziani;

Equipe:

André Paris, Alana Quadros,

Giovani Souza, Heloisa Heiss,

Vinicius Boaretto e Victor Antonio.



Sumário

1. APRESENTAÇÃO.....	03
2. Gráficos.....	04
3. Planos de Aula.....	06
3.1. Oficina 01: Maçonaria	
3.2. Oficina 02: Suicídio	
3.3. Oficina 03: Maus Tratos aos Animais	
4. Referências Bibliográficas.....	35

Apresentação

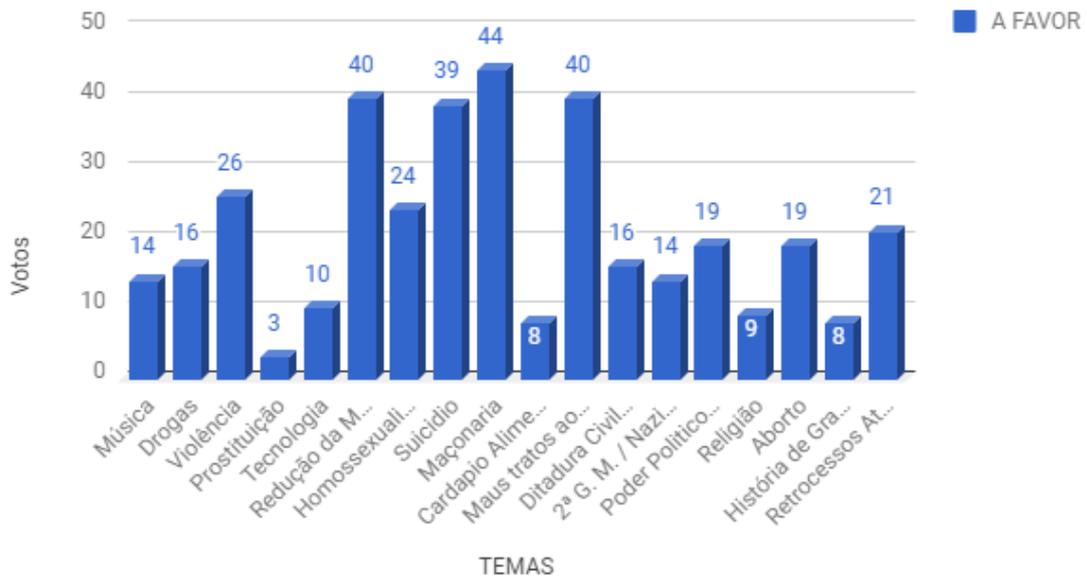
No início de 2017, os membros do Projeto PIBID História/Unioeste procuraram refletir sobre as experiências e práticas vivenciadas durante as atividades de pesquisa e ensino realizadas em 2016. Um dos pontos de destaque, que mereceram nossa atenção, foi a necessidade de integrar em nossas práticas de ensino não apenas a problematização dos conteúdos, mas, notadamente, uma maior valorização das tarefas de planejamento de nossas atividades juntos aos estudantes das escolas. O nosso entendimento era o de que tal operação passava fundamentalmente por um processo dialógico em sua concepção histórica e estruturação didática: o objetivo seria o de possibilitar uma melhor articulação entre problemas, temas e conteúdos e as demandas advindas dos estudantes das escolas. Com isso em mente, buscamos não somente apresentar as oficinas aos estudantes, mas, pelo contrário, estabelecer na prática o método dialógico freiriano na escolha tanto dos temas, quanto na problematização dos conteúdos: foi o caso bem-sucedido da realização de “assembleias” e “grupos focais”. Ambas metodologias instigaram nos estudantes a oportunidade e a capacidade de desenvolver autonomia em sala de aula, especialmente nos momentos de reflexão e debate, além de mostrar a eles (e com eles) a real importância de sua participação histórica como sujeito e cidadão no (e do) tempo presente.

- a) Preparando assembleias: autonomia para definição de regras e democracia da palavra
- b) Grupos focais: a escolha dos temas para oficinas

Gráficos

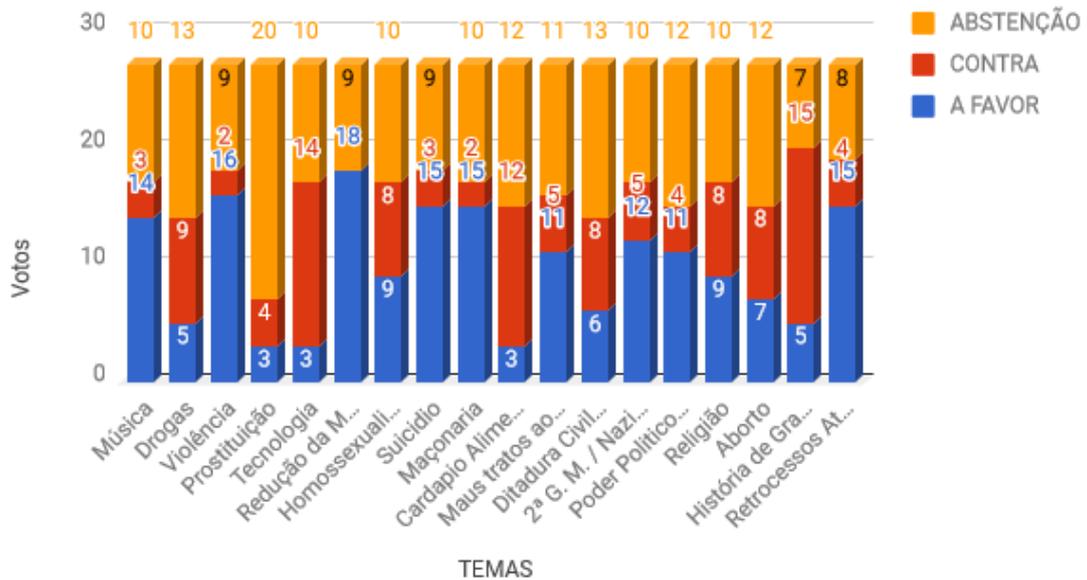
TODAS AS TURMAS:

Votação dos Temas



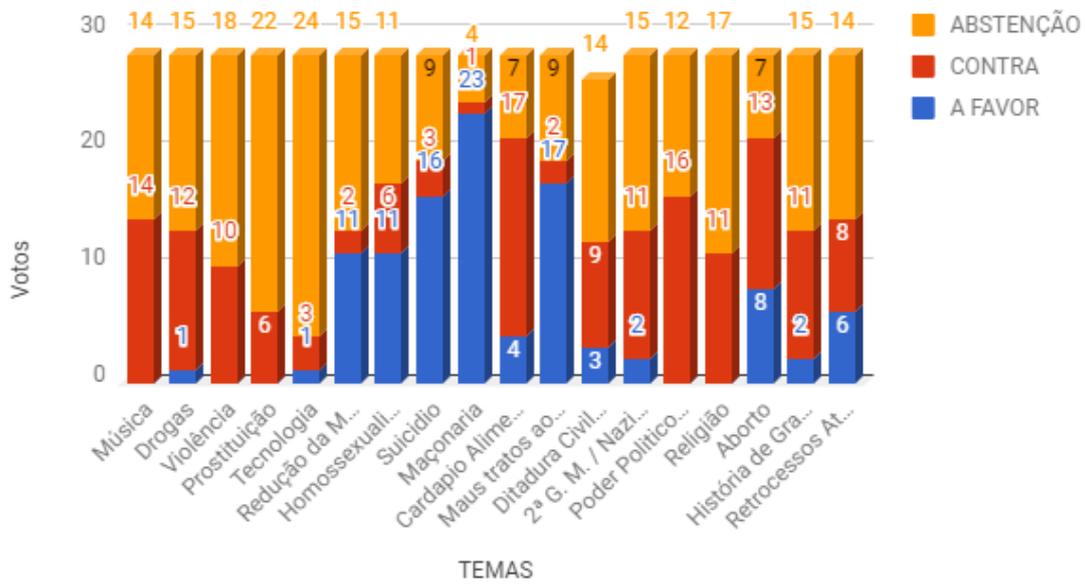
2º A COLÉGIO ERON:

A Favor, Contra e Abstenções



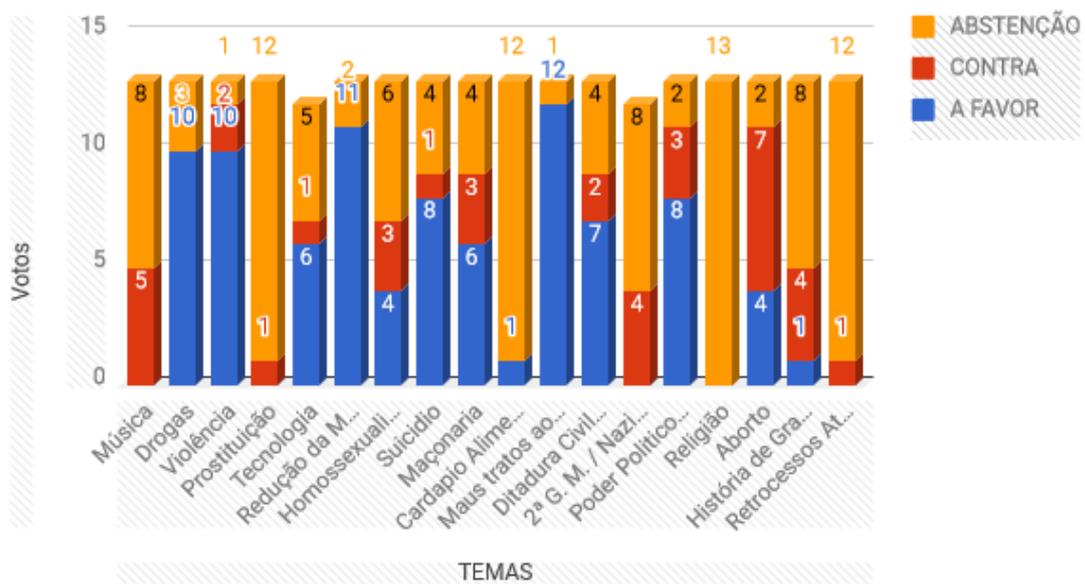
2º E COLÉGIO ERON:

A Favor, Contra e Abstenções



2º B COLÉGIO MARECHAL:

A Favor, Contra e Abstenções



Oficina 01 Unidade Temática: ***MAÇONARIA***

Problematização

Na atualidade percebe-se que os jovens possuem uma curiosidade sobre maçonaria, que se apresenta para os mesmos como algo misterioso. Nesta direção, é válido indagar sobre qual é a importância da maçonaria para o universo destes jovens? Qual é o sentido dos seus símbolos e porque eles atraem a atenção dos jovens? Como desmitificar a história e entender a atuação da maçonaria?

O que vamos aprender?

a) Entender a influência da maçonaria na realidade dos alunos e na sociedade contemporânea:

I. Entender a presença e o discurso da Maçonaria na cidade de Marechal Cândido Rondon.

b) Desmistificar alguns dos símbolos utilizados nas lojas rondonenses e o significado dado a eles:

I. Apresentar alguns dos símbolos conhecidos da maçonaria e a partir deles discutir (a partir da história buscar desmistificar esta simbologia) os seus significados;

II. Discutir a ideia de “manipulação do passado” e entender o significado destas “manipulações”;

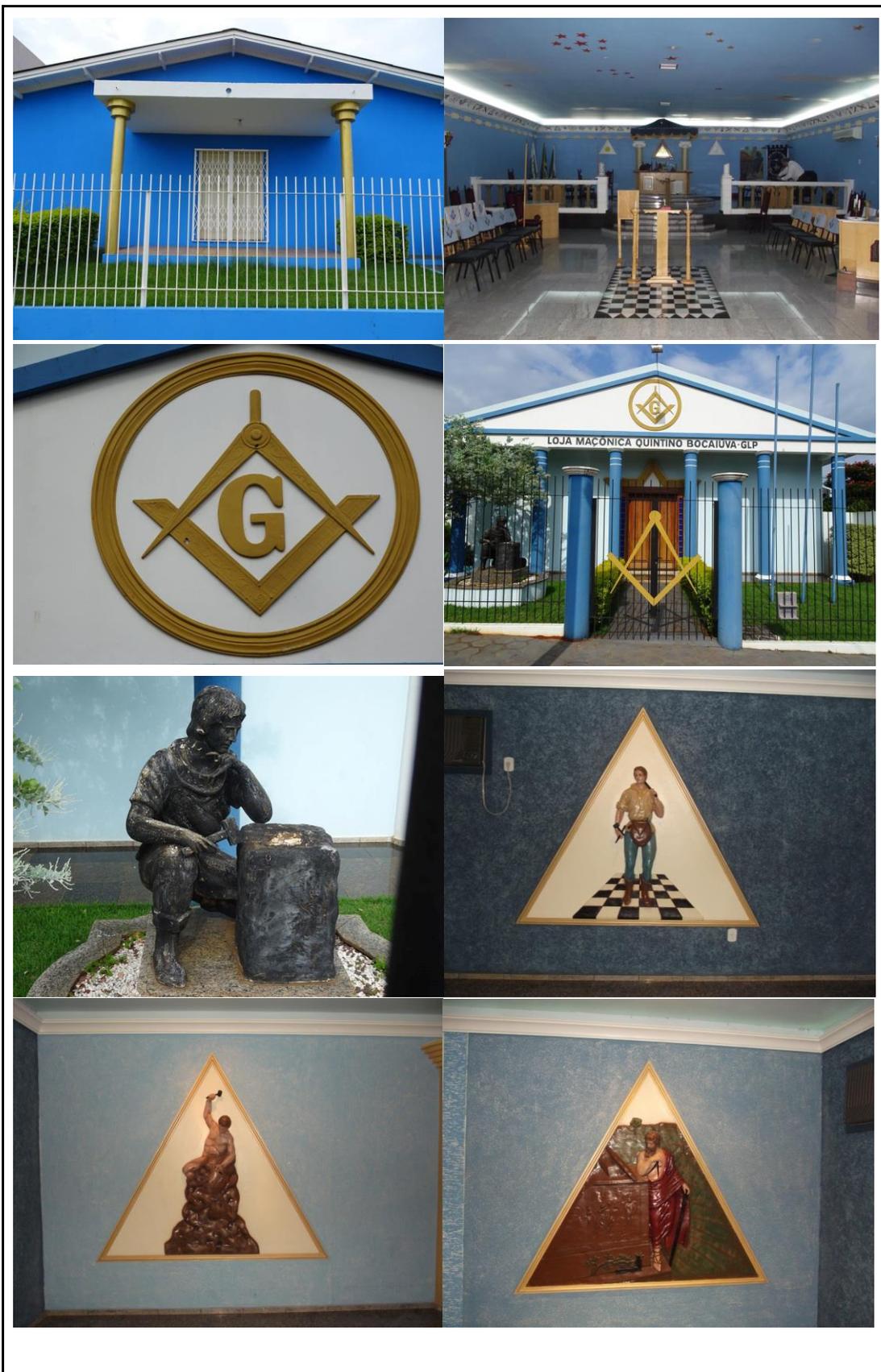
III. Entender qual a “força” e “legitimação” que a maçonaria ganha com a apropriação destes símbolos;

Estratégias e metodologias

Pensando o Presente

Aula 01

Começaremos a aula dividindo os alunos em grupos, em seguida entregaremos a eles fotos das lojas maçônicas de Marechal Cândido Rondon-PR ou projetar estas fotos em slides.



Imagens fotografadas no local e retiradas de <glp.org.br/site/2012/02/conheca-a-loja-quintino-bocaiuva-n%C2%BA-35/> Acesso em: 18/05/2017

Em seguida lhes entregar um roteiro de perguntas 1, para fazê los indagar sobre as imagens.

Roteiro 1.

1. Vocês conhecem essas lojas?
2. Onde elas estão localizadas na cidade de Marechal Cândido Rondon?
3. Em quais bairros estas lojas estão localizadas?
4. Por que estas lojas estão localizadas nestes locais? O que isto representa?

Neste momento da aula é interessante a utilização de um mapa da cidade, para que os alunos identifiquem nele onde ficam as lojas, assim facilitando na resposta do roteiro. Após os grupos terem formulado as perguntas iremos reuni-los em círculo para que possam compartilhar e discutir as suas respostas.

Concluir a aula com a seguinte questão:

Qual a imagem que a maçonaria busca projetar para as pessoas da cidade?

Aula 02

Nesta aula iremos dividi-los novamente em grupos e distribuiremos imagens de lojas maçônicas (Loja Maçônica Tiradentes e Loja Quintino Bocaiuva, Mal. Cândido Rondon - PR) acompanhadas de roteiros de perguntas, com objetivo de discutir nomes, símbolos e a arquitetura das lojas. Neste momento utilizaremos instrumentos de pesquisa como, livros didáticos, internet e outros, para auxiliar na investigação dos elementos. Ao todo são três roteiros que irão conter o mesmo conjunto de imagens com diferentes perguntas. Um dos roteiros deve levar os alunos a questionar os nomes das lojas, o outro irá discutir os símbolos e objetos presentes, o último roteiro irá problematizar a arquitetura e construção da loja:

1. A partir das imagens utilizadas na aula 01 responda o roteiro de questões:

Roteiro 2

1. Vocês conhecem um dos nomes utilizados nas lojas maçônicas?
2. Vocês já estudaram esse personagem histórico?
3. Com qual evento histórico ele está relacionado?
4. O que vocês sabem sobre esse evento?
5. Construa uma hipótese para explicar a relação entre este personagem histórico e a maçonaria?

2. Reunir os grupos na sala e pedir para cada um apresentar sua observação

Roteiro 3

Identifique os símbolos e objetos presentes nas lojas maçônicas:

1. Quais são os símbolos e objetos que aparecem nas fachadas das lojas?
2. Onde se originam e qual o significado desses símbolos?
3. É possível relacionar esses símbolos com algum momento da história? Quais?

Construa uma hipótese que relaciona esses símbolos a maçonaria?

Roteiro 4

Observem nas fotos as características arquitetônicas das lojas:

1. Qual o estilo de arquitetura utilizado nestas lojas?
2. Qual período da história essa arquitetura nos lembra?
3. Construa uma hipótese que explique a relação entre esse estilo arquitetônico e a maçonaria?

Concluir a aula com a seguinte questão:

Por que a maçonaria faz uso de tantos símbolos do passado?

Analisando o Passado

Aula 03

Para começar o segundo momento, em que buscaremos construir uma análise sobre a apropriação de símbolos e do passado a partir de intenções do presente, referenciados na discussão de “manipulação do passado”, apresentaremos uma música do artista Rincon Sapiência, chamada Ponta de Lança, seguida de um roteiro de questões, buscando analisar alguns momentos onde o músico faz referência ao passado, ou a uma figura do passado com o objetivo de se promover no presente:

Ponta de Lança (Verso Livre)

Rincon Sapiência

Salve!

OK!

Rincon Sapiência, conhecido também como Manicongo, certo?

Quando alguém fala que eu não sou um MC acima da média, eu falo:

(Ahn? Ahn? Ahn? Ahn?)

Eu não entendo nada, pai!

(Ahn? Ahn? Ahn? Ahn?)

A cultura do MC ainda vive, certo? Se depender de mim..

Vam'bora!

Meu verso é livre, ninguém me cancela

Tipo Mandela saindo da cela

Minhas linha voando cheia de cerol

E dá dó das cabeça quando rela nela

Partiu para o baile, fugiu da balela

Batemos tambores, eles panela

Roubamos a cena, não tem canivete

As patty derrete, que nem mussarela

Quente que nem a chapinha no crespo, não

Crespos tão se armando

Faço questão de botar no meu texto

Que pretas e pretos estão se amando

Quente que nem o conhaque no copo

Sim pro santo tamo derrubando

Aquele orgulho que já foi roubado

Na bola de meia vai recuperando

Vários homem bomba, pela quebrada

Tentando ser certo na linha errada

Vários homem bomba, bumbum granada

Se tem permissão, tamo dando sarrada

Se o rap é rua e na rua não tem as andança, porra nenhuma

Fica mais fácil fazer as tattoo e falar da cor da erva que fuma

Raiz africana, fiz aliança, ponta de lança, Umbabarauma

De um jeito ofensivo, falando que isso é tipo macumba

Espero que suma

*Música é dádiva, não quero dívida, eu não nego que quero o torro
Eu não nego que gosto de ouro , eu não curto levar desaforo
Nesse filme eu sou o vilão, 300, Rodrigo Santoro
Eu enfrento, coragem eu tomo, me alimento nas ruas e como
Restaurante, bares e motéis, é por esses lugares que como
Anjos e demônios me falaram: "vamo!" e no giro do louco nós fomos
A perdição, a salvação, a rua me serve, tipo mordomo
Tô burlando lei, picadilha rock, quando falo rei, não é Presley
Olha o meu naipe, eu tô bem Snipes, tô safadão, tô Wesley
Eu tô bonitão, tá ligado, fei, se o padrão é branco, eu erradiquei
O meu som é um produto pra embelezar, tipo Jequití, tipo Mary Kay
Como MC, eu apareci, pra me aparecer, eu ofereci
Um rima quente, como Hennessy, pra ficar mais claro, eu escureci
Aquele passado, não esqueci, vou cantar autoestima que nem Leci
Às vezes eu acerto, às vezes eu falho, aqui é trabalho, igual Muricy
A noite é preta e maravilhosa, Lupita Nyong'o
To perto do fogo que nem o coro de tambor numa roda de jongo
Nesse sufoco, tô dando soco, que nem Lango-lango
Se a vida é um filme, meu Deus é que nem Tarantino, eu tô tipo Django
Amores e confusões, curas e contusões
Fazendo minha mala, tô pique cigano, tô sempre mudando de corações
Luz e decorações, sorriso amarelo nas ilusões*

1. A partir dos seguintes trechos responda as questões: “Tipo Mandela saindo da cela” e “Nesse filme eu sou o vilão, 300, Rodrigo Santoro”.
- a) Quem são os personagens históricos que o músico está citando?
- b) O músico está buscando criar uma relação entre ele e os personagens citados? Por que?

A partir do uso da música do *Rincon* como um recurso para se pensar nos usos do passado, partiremos para o caso específico da maçonaria. Apresentaremos alguns símbolos que a maçonaria se apropria seguido de um roteiro de questões, com a intenção de instigar os alunos a pensarem sobre o significado da apropriação de determinados símbolos e sujeitos históricos que a maçonaria fez/faz para construir uma imagem sobre si.

1. A partir das seguintes imagens responda a questão:



Figura 1. Imagem retirada de: <3.bp.blogspot.com/-6NktenYoW0Q/TqqtVJfEHGI/AAAAAAAAAU0/c--NjPTDGIk/s1600/EeCcG.jpeg> Consulta em: 10/05/2017 15:38.



Figura 2. Loja Quintino Bocaiuva, Mal. Cândido Rondon – PR. Imagem retirada de: <gjp.org.br/site/2012/02/conheca-a-loja-quintino-bocaiuva-n%C2%BA-35/> Acesso em: 18/05/2017



Figura 2. Loja Maçônica Tiradentes Guarabira PB. Retirada de <jex.com.br/includes/imagem.php?id_jornal=16060&id_noticia=263> Acesso em 10/05/2017.

Por que a maçonaria faz uso destes elementos do passado?

Síntese

Aula 04

Iniciaremos apresentando que o que discutimos no decorrer da aula sobre “manipulação do passado” e “usos do passado” tem uma definição através de um conceito – “tradições inventadas” – a partir da perspectiva de Hobsbawn e Rangers:

Por tradições inventadas entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado apropriado. [...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através de repetição quase que obrigatória (in: SILVA, pg.95).

1. Vamos ler e discutir o trecho do texto a seguir:

- a) O que o autor entende por tradição inventada?
- b) É possível fazer uma relação entre a prática de invenção das tradições descritas pelos autores e a forma como a Maçonaria faz uso de símbolos e personagens históricos?
- c) Neste sentido, para sintetizar nossa discussão sobre a história da Maçonaria desenvolva uma análise da sobre como, porque e com que objetivos os símbolos do passado importam para a Maçonaria.
- d) Esta atividade pode ser feita de maneira livre, por meio de produção de um texto, de um desenho, de uma história em quadrinhos, etc. Use sua criatividade!

Aqui entramos no tópico da manipulação do passado, que se refere a pegar símbolos e figuras importantes de alguma época e usá-las em prol de alguma coisa, no caso específico desse trabalho, quem faz essa apropriação é a maçonaria.

Feito isso, organizaremos a turma em 3 grupos, que irão analisar e produzir um material (texto, poesia, paródia, etc.) pensando como a maçonaria faz o uso de determinadas simbologias e figuras históricas (discutidos nas últimas aulas) e ao final da aula os grupos irão apresentar o que produziram.

Grupo 1



Figura 3. Imagem retirada de:
<4.bp.blogspot.com/_hT0wiNrsxyU/TKFijMVMbxI/AAAAAAAAACU/Oyr13UjOEjs/s1600/charge.jpg> Acesso em:
10/05/2017 17:51.

Grupo 2



Figura 4. Imagem retirada de: <3.bp.blogspot.com/-6NktenYoWOQ/TqqtVJfEHGI/AAAAAAAAAU0/c--NjPTDGik/s1600/EeCcG.jpeg> Consulta em: 10/05/2017 15:38.

Grupo 3

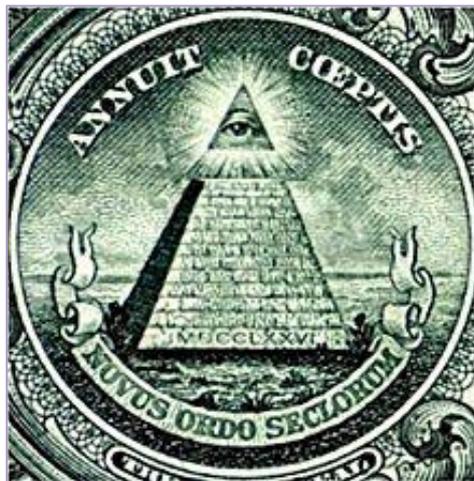


Figura 5. Imagem retirada de:
<upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/0e/Great_Seal_of_United_States.jpg/220px-Great_Seal_of_United_States.jpg> Consulta em: 10/05/2017 15:37.

Oficina 02 Unidade Temática:

SUICÍDIO

Problematização

Contemporaneamente o tema do suicídio veio a tona principalmente a partir do lançamento de uma série, “NETFLIX. 13 Reasons Why” e de um jogo, que reacenderam o debate e o interesse dos jovens sobre o tema. A série, principalmente, aborda e aponta para questões recorrentes na realidade destes jovens, entre elas o machismo, o bullying e as pressões vivenciadas na juventude. De que maneira a série aborda esse tema? Será que esta é a única maneira de ver se tratar o assunto?

O que vamos aprender?

Conhecer os procedimentos de análise de produção midiática sobre o suicídio e investigar as diferentes formas de representação do suicídio ao longo da história.

Estratégias e metodologias

Pensando o Presente

Aula 01

Iniciaremos a aula com a atividade de sensibilização a partir de uma matéria telejornalística, buscando evidenciar de que maneira se apresenta o tema e a partir de que perspectiva o jornal aborda o suicídio.

Nosso objetivo é mostrar que o telejornal é capaz de expressar apenas uma visão sobre o suicídio. Trata-se de questionar que visão é essa? O seu porque? E suas repercussões sobre os telespectadores.

1ª: Reportagem:

Disponível em <nydailynews.com/news/world/cyberbullied-teen-commits-suicide-article-1.1181875> Acesso em 19 de junho de 2017.

Roteiro de análise do texto:

- 1 - De que modo a notícia está sendo apresentada?
- 2 - O modo em que está sendo apresentada influencia na visão do telespectador? Como?

2ª: Reportagem:

Disponível em <cbc.ca/news/canada/british-columbia/amanda-todd-tribute-honours-life-of-bullied-teen-1.1138838> Acesso em 19 de junho de 2017.

Roteiro de análise do vídeo:

- 1 - Qual é o conteúdo do vídeo produzido pela CBC?
- 2 - Qual é objetivo da emissora CBC em realizar este programa?
- 3 - Em que medida este tipo de cobertura jornalística influencia a visão das pessoas sobre o sentido do suicídio?

Fechar a aula com a seguinte pergunta: O que observamos e analisamos até aqui é a forma como a mídia trata o tema do suicídio de jovens. Mas será que esta é a única forma de entendermos o suicídio na atualidade? Como a história pode nos ajudar a entender e explicar este fenômeno?

Analisando o Passado

Aula 02

Nesta aula vamos ler e discutir o texto de Marx sobre o suicídio. Por meio deste material poderemos levar os estudantes a conhecer, uma análise sobre os sentidos e significados do suicídio na sociedade francesa do século XIX.

O objetivo é desenvolver uma análise deste texto e dos documentos usados por Marx para construir esta pequena peça que descreve e critica alguns aspectos da sociedade burguesa do período.

SOBRE O SUICÍDIO

O número anual de suicídios, aquele que entre nós é tido como uma média normal e periódica deve ser considerada um sintoma de organização deficiente de nossa sociedade, pois na época de crise o suicídio é mais evidente e assume um carácter epidêmico. A prostituição e o latrocínio aumenta, então, na mesma proporção. Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos.

As doenças debilitantes, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado.

Falam-nos de nossos deveres para com a sociedade, sem que, no entantanto, nossos direitos em relação a essa sociedade sejam esclarecidos e efetivados, e termina-se por exaltar a façanha mil vezes maior de dominar a dor ao invés de sucumbir a ela, uma façanha tão lúgubre quanto a perspectiva que ela inaugura. Fez-se do suicídio um ato de covardia, um crime contra as leis, a sociedade e a honra. Ao ver as várias pessoas abandonadas e desprezadas na miséria, como podemos exigir deles que preservem a si mesmo sem tomar alguma atitude para ajudá-las?

Que tipo de sociedade é essa que no meio de milhões é possível se sentir tão sozinho ao ponto de se matar? Sendo assim, os maiores culpados somos nós.

Entre as causas de desespero que levam as pessoas muito nervosas-irritáveis a buscar a morte, seres passionais e melancólicos, descobri os maus-tratos como o fator dominante, as injustiças, os castigos secretos, que pais e superiores impiedosos infligem às pessoas que se encontram sob sua dependência.

Roteiro de análise do texto:

- 1- Quais são os principais apontamentos de Marx sobre o suicídio?
- 2- Na visão de Marx qual é a relação entre o suicídio e as características da sociedade francesa do século XIX?
- 3- Como vocês avaliam as razões do suicídio indicadas por Marx no texto?

A seguir iremos apresentar aos alunos os dois casos descritos e estudados por Marx.

CASO 01

No mês de julho de 1816, a filha de um alfaiate foi prometida em casamento a um açougueiro, jovem de bons costumes, e trabalhador, muito enamorado de sua bela noiva, que, por sua vez, era-lhe muito dedicada. A jovem era costureira; conquistava a atenção de todos os que a conheciam e os pais de seus noivo amavam-na carinhosamente. Chegou a época do

casamento; os arranjos entre as duas famílias foram providenciado e os contratos fechados. Na noite anterior ao dia em que deveriam comparecer à municipalidade, a jovem e seus pais comprometeram-se a jantar com a família do noivo; quando estavam a caminho, ocorreu um incidente inesperado e os pais da noiva não puderam ir com a filha. Apesar da ausência de dois dos principais convidados, a refeição foi das mais agradáveis. Muito tarde da noite, encontravam-se ainda à mesa, e movidos por uma indulgência facilmente compreensível, os pais do rapaz fecharam os olhos para o acordo tácito entre os dois amantes. As mãos procuravam umas às outras, o amor e a confiança tomavam-nos inteiramente. Além disso, considerava-se que o casamento estava consumado e aqueles pobres jovens já se frequentavam havia muito tempo sem que se lhes fizesse a mais leve censura. Os enamorados se reencontraram no escuro, era como se não houvesse nada a ponderar, nada a recear, Sua felicidade estava cercada de amigos e livre de toda inveja. A filha retornou somente na manhã seguinte para casa, e os pais a perceberam e irromperam furiosamente e cobriram-na com os mais vergonhosos nomes e impropérios. Em vão a consternada moça protestava a seus pais que eles mesmos a haviam abandonado à difamação, que ela assumia se agravou, sua tolice e que tudo seria reparado. As pessoas mais covardes, as mais incapazes de se contrapor, tornam-se intolerantes assim que podem lançar mão de sua autoridade absoluta de pessoas mais velhas. Padrinhos e madrinhas acorreram ao barulho e formaram um coro. O sentimento de vergonha provocado por essa cena abjeta levou a menina à decisão de dar um fim à própria vida; desceu com passos rápidos em meio a multidão dos padrinhos que vociferavam e a insultava e, com olhar desvairado, correu e se jogou no Sena. Como é evidente, aqueles que no começo gritaram contra a filha viraram-se em seguida contra os pais.

(Trecho retirado do livro Sobre o Suicídio, pp. 29-30)

CASO 02

O sr. Von M... casara-se com essa jovem havia aproximadamente um ano; segundo parecia, de comum acordo; formavam o par mais bonito que se podia ver. Depois do casamento, irrompeu de forma súbita e galopante na constituição do jovem marido um problema de sangue. Esse homem antes, tão orgulhoso de sua aparência, (...) sentiu repentinamente um mal desconhecido, contra cuja ação devastadora a ciência era impotente; ele estava transfigurado da cabeça aos pés de um modo horripilante. (...) Quando enfrentou sua fealdade e sua figura grotesca, tão logo tomou consciência disso, seu caráter amargou-se e ele ficou desalentado. Em todos aqueles que ousavam visitá-lo, via a decisão firme de conquistar o coração de sua mulher, que restava para ele como seu último orgulho e conforto. Sem se dar conta das motivações amorosas que o tornavam ciumento, o crioulo (seu irmão) aprovava essas ideias de isolamento e até estimulava em seus conselhos. Com isso, o sr. Von M... acabou retirando-se totalmente para uma linda casa em Passy, que em pouco tempo se tornou um desespero. (...) A infeliz mulher fora condenada à mais insuportável escravidão, e o sr Von M... podia praticá-la apenas por estar amparado pelo Código Civil e pelo direito de propriedade, protegido por uma situação social que torna o amor independente dos livres sentimentos dos amantes e autoriza o marido ciumento a andar por aí com sua mulher acorrentada como o avarento com seu cofre, pois ela representa apenas uma parte de seu inventário. (...) O irmão, inocente cúmplice de tudo isso, compreendeu finalmente que contribuía para a infelicidade daquela jovem - dia a dia vigiada, insultada, privada de tudo aquilo que pudesse distrair uma imaginação rica e feliz, o que

a tornou tão melancólica e triste quanto havia sido livre e serena. (...) O crioulo sentiu remorso (...), exasperado de medo e atormentado pelas fantasias mais absurdas, penetrou de noite por sobre os muros, quebrou um portão, diante da entrada principal, alcançou o telhado por meio de uma escada e deixou-se deslizar pela calha até a janela de um depósito. Gritos enérgicos permitiram-no arrastar-se sem ser percebido, até uma porta de vidro. O que ele viu despedaçou seu coração. A claridade de um candeeiro iluminava o quarto, Entre as cortinas, a cabeleira despenteada e o semblante purpúreo de raiva, estava o sr. Von M,,, semi nu, ajoelhado ao lado de sua mulher, sobre a mesma cama que ela não ousava abandonar, embora tentasse escapar pouco a pouco dos seus braços, enquanto ele a dominava com reprimendas mordazes, semelhante a um tigre pronto a fazê-la de pedaços. (...) Uma longa depressão foi a sequência dessa cena, que petrificou o crioulo. A cena, evidentemente, deveria se repetir todos os dias, pois, nas convulsões que se seguiam, a sra. Von M... recorria a ampolas preparadas por ela mesmo com a finalidade de dar a seu carrasco um pouco de sossego. Nesse momento, em Paris, o crioulo representava sozinho a família do sr. Von M..., (...) ele decidiu arriscar-se pelo tudo ou nada, assumindo todas as consequências. (...) Alguns médicos, amigos seus e decididos como ele, planejavam uma invasão na casa do sr. Von M... para constatar aquele momento de loucura e, por meio do uso imediato da força, separar os esposos, mas eis que a ocorrência do suicídio veio justificar suas precauções demasiadamente tardias e suspendeu a dificuldade. Certamente, para todos aqueles que não reduzem o espírito pleno das palavras às letras que as formam, esse suicídio foi um assassinato, praticado pelo esposo; mas também foi o resultado de uma extraordinária crise de ciúme.

(Trecho retirado do livro Sobre o Suicídio, pp. 34-42)

Roteiro de análise dos documentos:

- 1 - Como Puchet descreve os dois casos de suicídio?
- 2 - Quais as similaridades nas situações das duas vítimas?
- 3 - Quais são os fatores abordados na introdução do texto que podemos perceber nos dois casos expostos?
- 4 - Como você avalia a leitura sobre o suicídio proposta por Pouchet nestas descrições acima?

Aula 03

Agora vamos analisar o suicídio em outro contexto histórico, o *seppuku* ou *harakiri*, uma prática cultural da sociedade japonesa que perdurou desde o século XII até a segunda metade do século XX. Utilizaremos uma fonte filmica para discutir a construção social desta prática, mas antes apresentaremos informações sobre a produção e conteúdo do filme.

Resumo da cena do filme:

Durante a Guerra Boshin (1868-1869) o Império do Japão estava extinguindo a classe dos samurais. Após ter traído seus companheiros samurais, aliando-se ao exército imperial, o

General Hasegawa (personagem fictício) perde a batalha contra os clãs samurais e é capturado. Ao ser preso seus ex-companheiros de espada permitem que ele realize o *seppuku*.

Trecho do filme The Last Samurai (2003). Disponível em <[youtube.com/watch?v=-5xKq2vPUew](https://www.youtube.com/watch?v=-5xKq2vPUew)> Acesso em 13 de junho de 2017.

Roteiro de análise do vídeo:

- 1 - Como o filme retrata o suicídio? observe e descreva a cena.
- 2 - Como vocês veem o suicídio neste vídeo?
- 3 - Qual o significado que o filme atribui ao suicídio?
- 4 - Na sua avaliação o que significa este tipo de suicídio? Por quê?

A seguir apresentaremos um recorte do texto “O Suicídio na cultura japonesa”, para aprofundarmos a discussão sobre o significado do suicídio na sociedade nipônica e discutir as diferenças e similaridades com o significado do suicídio em nossa sociedade.

O SUICÍDIO NA CULTURA JAPONESA

Este estudo sobre o suicídio na cultura japonesa destaca dois pontos principais para sua compreensão: o HARAKIRI (também denominado SEPPUKU), dos samurais, e a crença, dos KAMIKAZES [...].

Quando iniciei meus estudos a respeito do tema abordado, há dez anos, minha compreensão era limitada apenas às causas e conseqüências do suicídio em si. Enxergava-o como um ato cometido por pessoas que passavam por um sofrimento físico e ou psicológico e que, procuravam ou tentavam através do suicídio acabar com ele definitivamente. Acreditava também que em todos os casos a pessoa que apresenta comportamento suicida estava infeliz consigo mesmo ou com o outro, o que não deixa de ser verdadeiro, mas que não é a única justificativa para uma atitude tão extrema. A complexidade envolvida nesta escolha era muito mais profunda.

Roteiro de análise do texto:

- 1 - Como o texto descreve o suicídio na cultura japonesa?
- 2 - Quais as diferenças e similaridades entre as formas de interpretar o suicídio na nossa sociedade e na sociedade nipônica?

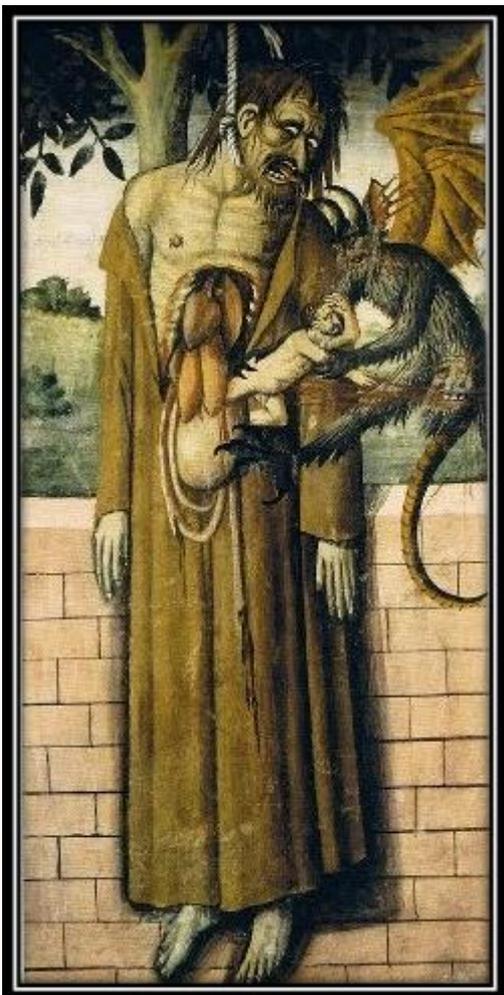
Síntese

Aula 04

Nesta aula vamos apresentar uma visão panorâmica do suicídio na história ocidental. Trata-se de uma atividade na qual os alunos interpretem o suicídio como uma construção histórica.

Para isso, utilizaremos dois materiais. Uma apresentação em powerpoint com imagens sobre a morte na idade média e contemporânea para ajudar a discutir o texto. O texto apresenta de maneira sintética as diferentes formas como o suicídio foi visto ao longo da história ocidental.

IMAGENS:



Momento 01:
Apresentar as
imagens e
provocar os alunos;
Momento 02: Ler e
discutir o texto com
os alunos;
Momento 03: Voltar
às imagens e
discuti-las à luz do
conteúdo do texto.

Figura 1 – Imagem Representando O Suicídio na Idade Média:

John Canavesio (1450-1500) *The Suicide of Judas*, 1492 Afresco, Chapel of Notre Dame des Fontaine, França. Retirado de <arteseanp.blogspot.com.br/2013/10/imagem-semanal-suicidio.html> Acesso em: 19/06/2017 às 21:17.



Figura 2 – Imagem Representando O Suicídio na Contemporaneidade:

“Individualismo e suicídio”. Retirado de <amantesporlivrosefilmes.blogspot.com.br/2015/11/resenhando-suicidas-do-autor-raphael.html> Acesso em: 19/06/2017 às 21:47.

Roteiro de análise das imagens:

- 1 - Identifique que período da história elas ilustram.
- 2 - Como o suicídio está representado em cada uma delas.
- 3 - Por que o suicídio é representado de diferentes maneiras?
- 4 - O que cada uma destas imagens querem dizer? Por quê?

O SUICÍDIO AO LONGO DO TEMPO

A palavra **suicídio** em um dicionário da língua portuguesa comum *se define como um ato voluntário em que um indivíduo possui a intenção e provoca a própria morte.*

O suicídio não se trata de uma novidade do nosso tempo, ele foi praticado ao decorrer da história da humanidade. Ao longo da história, na antiguidade, na idade média, moderna e contemporânea, como a sociedade enxergou o ato de tirar a própria vida?

Na **Antiguidade** o suicídio era tido como um ato clandestino, patológico, solitário e somente seria tolerado com a permissão da sociedade.

O ato suicida era considerado uma forma de transgressão.

Nos casos tolerados, algumas formas de se praticar o suicídio eram interpretadas como "**má morte**". O enforcamento, por exemplo, era visto como uma covardia, e em alguns casos, a prática suicida era considerada indigna e profanadora do corpo.

O suicídio na **Idade Média** era considerado um ato criminoso, resultado de uma tentação diabólica de desespero. Afirmava-se que tirar a própria vida era desprezar a autoridade da Igreja ou violar a leis da morte; e nenhum mortal deveria poder arrogar-se o direito de tomar a decisão de morrer pelas suas próprias mãos.

A Igreja Católica permitia a mutilação do corpo do suicida, a confiscação dos seus bens, a privação de sepultura em terra consagrada e a recusa de orações em sua atenção.

Nos primeiros tempos da **Era Moderna**, na Europa Ocidental, o suicídio passou a ser discutido com maior abertura.

Começam a estudar o suicídio e identificá-lo como uma **patologia**.

A Igreja continuava a identificar o suicídio como uma ação demoníaca, a justiça continuava a julgar o ato como um ato criminoso, mas, começa a se pensar o suicídio a partir de um **ponto de vista social**.

Na chamada **Idade da Razão**, o suicida passou a ser considerado como **vítima**, deixando de ser visto apenas como objeto de acusação e, no século XIX, **o suicídio começou a ser estudado pela sociologia e pela medicina**.

No final do **século XIX**, foi reconhecido, a partir de um **ponto de vista social**, que a ansiedade, o stress e outros problemas e mal-estares produzidos pela própria sociedade provocaram graves danos aos indivíduos, que em alguns casos chegavam a cometer o suicídio.

Aula 05

PLANO A

A turma irá elaborar uma intervenção teatral de 5 minutos que sintetize sua compreensão as diferentes interpretações do suicídio debatidos ao longo da oficina. Esta atividade pode ser feita em grupos separados ou elaborada coletivamente pela turma e apresentada na escola durante o intervalo.

PLANO B

Nesta aula vamos realizar uma síntese. Para tanto vamos apresentar uma reportagem que associa a série 13 Reason Why e a questão do machismo. Nosso objetivo é oferecer um material que lhe permita comparar a realidade do século XIX e a realidade atual.

A série 13 Reasons Why aborda o tema do suicídio a partir do bullying contando a história de Hannah Baker, uma adolescente norte-americana que vive os dramas típicos da idade. A forma como a série tratou o tema permite pensar quais são os dramas mais específicos que jovens adolescentes do sexo feminino vivem e que podem levá-las ao suicídio. Destaca-se neste universo o problema do machismo, são diversas as situações vividas por Hannah que indicam que ela sofria com práticas e valores machistas característicos da nossa sociedade contemporânea. No século XIX o problema do machismo já chamava a atenção de Marx quando ele se dedicou a estudar as razões que levavam as mulheres ao suicídio.

Recentemente foi publicada uma matéria no jornal Estadão em que a colunista problematiza e enumera 13 atitudes machistas que podem ser percebidas na série, mas que também estão presentes no cotidiano de muitas mulheres e jovens adolescentes. Com base na matéria abaixo, responda as seguintes questões:

13 – machistas – reasons why

Por *Letícia Sorg* -- 17/04/2017, 11h21

1 Imagens íntimas: Após dar o primeiro beijo, Hannah descobre que o mocinho tirou uma foto indiscreta. Mostrou para os amigos e um deles enviou para meia escola. Pronto, lá estava seu primeiro e inocente encontro à espera da maldosa interpretação alheia. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *nunca tire fotos íntimas nem repasse para os outros sem autorização. Se uma imagem chegar até você, apague. Não ajude a espalhar um conteúdo que pode causar danos aos envolvidos – e pode ser classificado como crime, ainda mais grave se a pessoa retratada for menor de idade.*

2 Slut shaming: Não contente em espalhar a foto de Hannah, o moço se vangloria de ter transado com ela. Era uma mentira, que não impediu que ela fosse tachada de 'vagabunda'. Ainda que fosse verdade, por que uma menina precisa ter vergonha de viver sua sexualidade? Por que meninos podem e meninas, não? **#NaoSejaUmPorQueMachista:(..)** *Não julgue as pessoas por seu comportamento sexual. Lembre-se: as meninas e mulheres têm direito à sua própria sexualidade, tanto quanto meninos e homens.*

3 Objetificação: (...) um dos adolescentes faz uma lista com as meninas mais bonitas da escola. Com uma particularidade: elege as partes mais bonitas do corpo delas, pernas, bunda, seios.... **#NaoSejaUmPorQueMachista:** (...) *fazer esse tipo de lista, que trata meninas e mulheres como pedaços de carne, é problemático. Algumas podem se sentir lisonjeadas, mas é preciso entender e respeitar se alguém tomar como ofensa. (...)*

5 Assédio sexual: (...) Não se sinta no direito mexer com alguém na rua ou no corredor da escola – #ChegadeFiuFiu – nem de tocar o corpo de alguém sem consentimento. Bom lembrar que, na lei brasileira, esse comportamento caracteriza estupro.

7 Nada é convite: Elas podem usar roupas curtas, justas. Podem ter bebido além da conta. Nada disso é desculpa ou justificativa para avançar sinais, como aconteceu na festa da personagem Jessica. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *Não julgue mulheres e meninas pela roupa que vestem nem pelo tanto de bebida que consomem. (...)*

8 Consentimento: Na série, um dos meninos entende que, se a menina está bêbada e não consegue articular uma resposta, não é sexo o que está acontecendo. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *Uma pessoa incapaz de conversar é uma pessoa incapaz para o sexo (...)*

9 Brotherhood: Assim como as mulheres são retratadas como inimigas, os homens geralmente são vistos como tão 'brothers' que protegem uns aos outros mesmo que haja uma conduta criminoso. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *Amizades são importantes, mas não há amigo que valha desrespeitar os nossos valores. Se não gostar do comportamento do grupo, se afaste. Se presenciar atos de desrespeito e crimes, denuncie. (...)*

12 A culpa da vítima: Para alguém que sofreu assédio ou estupro, é difícil reunir forças para falar sobre a violência. Pior ainda se, como aconteceu com Hannah, topar com alguém mais preocupado com detalhes jurídicos do que com a dor da vítima. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *Se uma menina ou mulher contar um ato de violência, não pergunte que roupa ela vestindo, quanto tinha bebido e se tentou dizer não ou reagir. (...) A culpa é sempre do agressor.*

13 Engole o choro: (...) também os meninos e homens são vítimas do machismo. Espera-se deles uma força, uma postura, um silêncio especialmente prejudiciais na adolescência, quando temos tantas dúvidas e fortes emoções. Hannah é quem se suicida na série, mas as estatísticas mostram que, na realidade, meninos e homens são a maioria entre as vítimas. Como pedir ajuda, chorar e conversar são comportamentos geralmente associados ao feminino, meninos e homens muitas vezes vivem sua dor sozinhos, aumentando os riscos

Roteiro de análise do texto:

1 - A partir do estudo de Marx sobre o suicídio e a leitura da matéria sobre a série “13 porquês”, pode-se dizer que o suicídio é um problema gerado pela sociedade na qual vivemos? Por quê?

2 - Quais as diferenças e semelhanças podem ser percebidas entre o machismo presente no século XIX e na sociedade atual a partir do texto do Marx e da matéria apresentada acima?

Oficina 03 Unidade Temática: MAUS TRATOS AOS ANIMAIS

Problematização

Historicamente a relação dos homens com os animais no ocidente é deveras contraditória, abrangendo relações que permeiam o afeto, descaso e crueldade. Os maus tratos aos animais se tornou um assunto recorrente na atualidade, pela crescente atuação de ativistas, entidades dos direitos dos animais e movimentos veganos e vegetarianos. Neste sentido, como foi construída historicamente a relação entre o ser humano e os animais? Neste sentido com a história pode nos ajudar a entender este quadro atual? Em que momentos do nosso passado podemos identificar estas relações contraditórias? Quais valores, interesses e práticas dimensionaram estas relações?

O que vamos aprender?

Entender as contradições na relação entre o ser humano e os animais na sociedade atual, sobretudo na produção de alimentos a partir da comparação com outros contextos históricos.

Estratégias e metodologias

Pensando o Presente

Aula 01

Iniciaremos a aula com a atividade de sensibilização a partir do vídeo do canal Porta dos Fundos - ANIMAL e iremos problematizar a relação entre os seres humanos e os animais apresentada no vídeo comparando-o com o documento filmico “The Story of Selecting Kosher Meat Products for Their Stores”. Que retrata um abate de gado com o método judeu na década de 1920. Iremos entregar dois roteiros de questões sobre os vídeos para que escrevam suas análises e discutam as respostas, ao final entregarão o que escreveram para avaliarmos.

1º Vídeo: *Porta dos Fundos ANIMAL, Disponível em <[youtube.com/watch?v=G_jxOj6EQEY](https://www.youtube.com/watch?v=G_jxOj6EQEY)>*
Acesso em 06 de jun. de 2017.

Roteiro de análise do vídeo ANIMAL - Porta dos Fundos:

- 1 - Qual é a relação de Gregório com os animais?
- 2 - Qual é sua avaliação sobre o conteúdo desse vídeo? Você concorda com ele? Por quê?

Antes de apresentarmos o segundo vídeo, iremos perguntar aos alunos: O que eles entendem pelo processamento da carne? Na opinião de vocês isso mudou ao longo do tempo?

2º Vídeo: “The Story of Selecting Kosher Meat Products for Their Stores”. Disponível em <archive.org/details/StoryofS1930> Acesso em 06 de jun. de 2017.

Roteiro de análise do vídeo 2 “The Story of Selecting Kosher Meat Products for Their Stores”:

- 1 - De que período da história é este vídeo? Quais as características da indústria e da economia nesse período da história?
- 2 - Identifique quais as fases de processamento da carne, são apresentadas no vídeo.
- 3 - Será que o consumidor final sabe dos processos que a carne passa até ser consumida por eles?
- 4 - Na avaliação de vocês o animal abatido no filme foi mal tratado? (pergunta após toda a discussão)

Após a discussão do roteiro de análise do vídeo 2 perguntaremos: Será que os maus tratos aos animais está relacionado com a nossa proximidade e participação no processo de produção da carne?

Pedir para os alunos consultarem os pais, avós ou familiares sobre a relação que eles tinham com os animais.

Analisando o Passado

Aula 02

A partir das consultas feitas pelos alunos sobre a relação que seus familiares tinham com os animais no passado iremos indicar e debater a ambiguidade presente nas relações entre homem e animal. O objetivo da aula é problematizar a alienação presente em nossa relação atual com os animais voltados para o consumo, e debater como as relações entre o ser humano e os animais são historicamente construídas em diferentes contextos e sociedades. Utilizaremos dois materiais, o texto de Robert Darnton “O grande massacre de gatos” e um trecho do filme Dança com lobos (1990).

O GRANDE MASSACRE DE GATOS

O operário, Nicolas Contat, contou a história numa narrativa que fez sobre seu estágio na gráfica, na Rua Saint-Séverin, Paris, durante o fim da década de 1730.

[...] A mulher do patrão os adorava (gatos), especialmente *La Grise* (a cinzenta), sua favorita.

Uma paixão parecia ter tomado conta das gráficas, pelo menos entre os patrões, ou *burgueses*, como os chamavam os operários. [...] Por outro lado, os aprendizes tinham de aturar uma profusão de gatos de rua [...]. Uivavam a noite toda, no telhado do sujo quarto de dormir dos aprendizes, impossibilitando uma noite inteira de sono.

[...] Certa noite, os rapazes resolveram endireitar esse estado de coisas desigual. Léveillé, que tinha um talento extraordinário para imitação, rastejou pelo telhado até chegar a área próxima ao quarto de dormir do patrão e então começou a uivar e miar, de maneira tão terrível que o burguês e sua mulher não pregaram o olho. Depois de várias noites com esse tratamento [...], mandaram os aprendizes livrarem-se dos gatos [...].

Alegremente, Jerome e Léveillé puseram-se a trabalhar. Armados com cabos de vassouras, barras da impressora e outros instrumentos de seu ofício, foram atrás de todos os gatos que conseguiram encontrar, a começar pela *Grise*.

[...] Depois, com todo o pessoal da oficina reunido em torno, encenaram um fingido julgamento [...]. Depois de considerarem os animais culpados e ministrar-lhes os últimos ritos, penduraram-nos em forcas improvisadas. [...] a patroa chegou. Soltou um grito, logo que viu um gato ensanguentado pendurado num laço.

[...] Léveillé reencenou todo o espetáculo através de mímica, pelo menos vinte vezes, durante os dias subsequentes, quando os tipógrafos queriam provocar alguma hilaridade repentina. [...] o episódio em conjunto, o massacre dos gatos acrescido de *copies*, é destacado como a experiência mais hilariante da carreira de Jerome.

(Trecho retirado de DARNTON, Robert. O Grande Massacre de Gatos, e outros episódios da história cultural francesa. 1986.)

Roteiro de análise do texto “O grande massacre de gatos”:

- 1 - Quando e onde ocorreu o massacre de gatos?
- 2 - Qual a diferença entre as relações que burgueses e trabalhadores estabeleceram com os gatos?
- 3 - Por que os gatos foram massacrados pelos trabalhadores?
- 4 - Por que motivo os trabalhadores riram tanto ao fazer aquilo com os gatos?

Em seguida iremos exibir um trecho do filme “Dança com lobos” (1990) para discutir outra forma de relação entre o ser humano e os animais.

Resumo da cena do filme “Dança com lobos”:

Na segunda metade do século XIX, no oeste do território americano, a tribo indígena Sioux, acompanhada por um tenente do exército estadunidense está migrando para realizar o ritual religioso de caça ao búfalo, seguindo os rastros de uma manada eles se deparam com dezenas de carcaças sem peles abandonadas por vaqueiros no meio da planície.

Trecho do filme Dança com lobos (1990). Filme disponível em <youtube.com/watch?v=BuFM5FrUs5I> Acesso em 06 de jun. de 2017.

Roteiro de análise do filme “Dança com lobos”:

- 1 - Em que época e local ocorre a cena retratada no filme?
- 2 - Qual o possível motivo da perplexidade dos sioux ao verem os búfalos mortos?
- 3 - Que partes dos animais foram retiradas? E com que objetivo?

Finalizaremos a aula com a seguinte reflexão: as relações com os animais são mediadas pelos nossos interesses individuais e coletivos, os maus tratos aos animais não são produto exclusivo de sadismos. No caso do massacre dos gatos a violência não é gratuita, mas sim a manifestação de um conflito social entre os trabalhadores e patrões. No caso do filme “Dança com lobos” o massacre dos búfalos é resultado do interesse econômico e belicoso dos estadunidenses para com os indígenas.

Que semelhanças e que diferenças podemos estabelecer entre o massacre dos gatos e dos búfalos?

Síntese

Aula 03

Iniciaremos a aula com um texto sobre a história do processamento animal para alimento.

“DO ABATE À MESA”

Assim que descemos das árvores a espécie humana passou a se alimentar de carne, as tribos nômades datadas de 200 mil antes de cristo já se alimentavam dela, que primeiramente, era apenas obtida nas carcaças. A partir de 40 mil a.c. com a formação de grupos sociais, caçar tornou-se uma tarefa mais fácil e viável, tornando a carne mais comum na alimentação. No momento em que o homem domina a agricultura ele consegue se tornar sedentário, e esses dois fatores possibilitam que rebanhos sejam cuidados sem a necessidade de sair a caça. Só que a agricultura necessitava mais tempo e trabalho que o cuidado de rebanhos, por isso a carne se torna artigo de luxo, pois os trabalhadores do campo não tinham muito tempo para cuidar de vários animais devido suas tarefas e muitas geralmente não geravam excedentes para alimentar um rebanho.

Com o aumento dos centros urbanos, e a formação das guildas de açougueiros, o processamento da carne começou a ser um componente da vida urbana, dentro de um contexto e regras sociais. Mas então em que ponto o processamento da carne passou a ser visto como uma especialidade a ser regulada pelo Estado?

Foram as primeiras guildas de açougueiros que tiveram interesse em regular o preço, elas eram muito autônomas em relação ao seu ofício, ao contrário de outras profissões que eram regimentadas pelo Estado, com isso, houve a possibilidade de crescimento dos abatedouros. O responsável pelas regulamentações nas cidades no período medieval eram os alcaides, que tinham como função mudar o padrão de beleza das cidades sujas e cinzentas, às mesmas intenções que temos hoje, só que a diferença que naquele tempo eram motivados por ideais religiosos pregados, sentimentos positivos como justiça, paz e segurança deveriam refletir na cidade. Em 1338, escreveu-se a primeira lei sanitária, pois a nobreza começava a incomodar-se com as práticas sociais que sujavam e deixavam fedor pela cidade, e uma delas eram os matadouros. Do contrário, no campo não havia controle sobre o abate os animais era mortos nas casas, transformados em carne condimentada, ou levados ao mercado local para venda sem qualquer indicador de qualidade ou precedência. Com a diminuição da distância entre campo e cidade e com o aumento dos centros urbanos, à necessidade de fiscalização foi exigida, tornando a profissão de açougueiro muito importância, pois sob sua supervisão se abatia, processava, para no final do processo ele dar o seu aval de qualidade.

Todo esse processo era realizado em meio ao público, já que era necessário estar nos centros urbanos para poder negociar e manter o rebanho, assim como obter água corrente para o trabalho. Mesmo os açougueiros sendo autônomos, com

poucos ajudantes, eles sofreram influência das questões higiênicas impostas pelos senhores, pois suas atividades passaram a serem consideradas grotescas de serem vistas, além de que, com toda a movimentação de animais pela cidade e restos dos mesmo pelas ruas, a proliferação de doenças era um fator preocupante, por isso, as reclamações aumentaram muito à partir do séc. XVIII. No século XIX a busca por mais higiene e fiscalização, culminou na criação de abatedouros públicos. Eles eram projetados de uma maneira que permitisse eliminar a contaminação e possíveis focos de infecção para promover a saúde pública e eram construídos na periferia da cidade. Essa transição se deu lentamente, pois houve resistência dos açougueiros em se deslocar e usar os matadouros públicos, por isso, os governos aumentaram as fiscalizações tornando muitos matadouros “clandestinos”. Juntamente a essas mudanças ocorreram mobilizações (até mesmo da rainha da Inglaterra) de movimentos que visavam mortes mais suaves aos animais, apoiados por correntes filosóficas, essas demandas pautavam uma nova sensibilidade frente à morte dos animais, e os métodos vistos como cruéis pelos populares transformaram o açougueiro em uma figura negativa. Frente a isso, os abatedouros públicos foram uma ótima maneira de esconder da população a matança dos animais, permitindo que o crescimento do consumo de carne se mantivesse, sem ofender aos olhos dos consumidores.

Com o surgimento no século XX da refrigeração e o aperfeiçoamento dos processos de abate, os açougueiros perderam sua importância no processo, pois os frigoríficos industrializaram o processamento da carne e dominaram as técnicas dos açougueiros transformando-os em meros assalariados, com isso o consumo de carne congelada aumentou, extinguindo com o tempo os matadouros públicos e pequenos abatedouros.

(Trecho retirado de BOSI, A. P. “Do abate a mesa”. 2016, no prelo).

Roteiro de análise do texto “Do abate a mesa”:

- 1 - Por que existe diferença entre campo e cidade? Elas se mantêm nos dias de hoje?
- 2 - Na atualidade, os frigoríficos apresentam alguma similaridade com os matadouros antigos?

A seguir utilizaremos um trecho do filme Okja (2017) 01h40m35s até 01h46m30s para discutir o conflito entre as diferentes formas de relação que os seres humanos estabelecem com os animais atualmente.

Trecho do filme *Okja* (2017) 01h40m35s até 01h46m30s.

Resumo da cena do filme “Okja”:

Nova York, 2007. Lucy Mirando (Tilda Swinton), a CEO de uma poderosa empresa, apresenta ao mundo que uma nova espécie animal foi descoberta no Chile. Apelidada de "super porco", ela é cuidada em laboratório e tem 26 animais enviados para países distintos, de forma que cada fazenda que o receba possa apresentá-lo à sua própria cultura local. A ideia é que os animais permaneçam espalhados ao redor do planeta por 10 anos, sendo que após este período participarão de um concurso que escolherá o melhor super porco. Uma década depois, a jovem Mikha (Seo-Hyun Ahn) convive desde a infância com Okja, o super porco fêmea criado pelo avô. Prestes a perdê-la devido à proximidade do concurso, Mija decide lutar para ficar ao lado dela, custe o que custar. Retirado de <adorocinema.com/filmes/filme-241477/> acesso em 12 de junho de 2017.

Roteiro de análise do vídeo:

- 1 - Quem são os personagens representados no filme?
- 2 - O que Okja representa para Mikha?
- 3 - O que Okja representa para os ambientalistas?
- 4 - O que Okja representa para os empresários?
- 5 - Por que Okja tem diferentes significados para diferentes pessoas?
- 6 - Como Mikha recuperou Okja? Como você avalia esse ato?

Aula 04

Tomando por base as discussões realizadas durante a oficina elabore um texto livre, de no máximo uma lauda, sobre o tema “o animal da minha vida”.

Referências

Bibliográficas

- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Trad.: Adriana Lopes. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- PUIG, Josep M. Assembleia na Salana de Aula ou como Fazer Coisas com Palavras. In: ARGUIS, R.; VIDAL, V. **Tutoria: com a palavra, o aluno**. Porto Alegre: Penso, 2004. p. 27-33.
- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Trad.: Sonia Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- BOSI, A. P. **Do abate a mesa**. 2016, no prelo
- PAULA, Luciana Imaculada de. **A crueldade na produção de alimentos de origem animal**. MPMG Jurídico: Revista do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, ed. Defesa da Fauna, p. 68-75, 2016.
- MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Trad.: Rubens Enderle; Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FERREIRA, I. M. C. **A Morte em Quatro Narrativa Brasileiras da Segunda Metade do Século XX**. 2006. 179 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Românicas). Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Literatura Românicas, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: um estudo sociológico**. In: _____. Da divisão social do trabalho; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa. Seleção de textos: José Arthur Giannotti. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- - AZEVEDO, **Maçonaria: história e historiografia**. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, p. 178-189, dez.1996-fev.1997.
- BALLAROTTI, Carlos R. **A Construção do mito de Tiradentes: de mártir republicano a herói cívico na atualidade**. *Antíteses*, vol. 2, n. 3, jan.-jun. de 2009, pp. 201-225. Disponível em <uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses> Acesso em 09 de dez de 2017.
- CASTRO, Liliane de. **Maçons e Maçonaria em Marechal Cândido Rondon**. 2004. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon. 2004.

- MORAES, M. A. **Tiradentes, Maçom iniciado?** Ciência & Maçonaria, Vol. 2, Número 2, p.89-95, 2014.
- PANTANO FILHO, R. . **Breve Histórico da Maçonaria no Brasil.** Intellectus. Revista Acadêmica Digital das Faculdades UNOPEC , v. 17, p. 136-166, 2011.
- SILVA, Rodrigo Otávio da. **Apropriações Contemporâneas do Egito Antigo:** Antiguidade e tradição no discurso maçônico brasileiro. Revista de Humanidades MNEME, V.7, n. 15, abr./maio 2005.



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovanni, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

PLANOS DE AULA

OFICINA SUICÍDIO

Problematização

Contemporaneamente o tema do suicídio veio a tona principalmente a partir do lançamento de uma série, “NETFLIX. 13 Reasons Why” e de um jogo, que reacenderam o debate e o interesse dos jovens sobre o tema. A série, principalmente, aborda e aponta para questões recorrentes na realidade destes jovens, entre elas o machismo, o bullying e as pressões vivenciadas na juventude. De que maneira a série aborda esse tema? Será que esta é a única maneira de ver e tratar o assunto?

O que vamos aprender?

Conhecer os procedimentos de análise de produção midiática sobre o suicídio e investigar as diferentes formas de representação do suicídio ao longo da história.

Estratégias e metodologias

Pensando o Presente

Aula 01

Iniciaremos a aula com a atividade de sensibilização a partir de uma matéria telejornalística, buscando evidenciar de que maneira se apresenta o tema e a partir de que perspectiva o jornal aborda o suicídio.

Nosso objetivo é mostrar que o telejornal é capaz de expressar apenas uma visão sobre o suicídio. Trata-se de questionar que visão é essa? O seu porque? E suas repercussões sobre os telespectadores.



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovanni, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

1ª: Reportagem:

Disponível em <nydailynews.com/news/world/cyberbullied-teen-commits-suicide-article-1.1181875> Acesso em 19 de junho de 2017.

Roteiro de análise do texto:

- 1 - De que modo a notícia está sendo apresentada?
- 2 - O modo em que está sendo apresentada influencia na visão do telespectador? Como?

2ª: Reportagem:

Disponível em <cbc.ca/news/canada/british-columbia/amanda-todd-tribute-honours-life-of-bullied-teen-1.1138838> Acesso em 19 de junho de 2017.

Roteiro de análise do vídeo:

- 1 - Qual é o conteúdo do vídeo produzido pela CBC?
- 2 - Qual é objetivo da emissora CBC em realizar este programa?
- 3 - Em que medida este tipo de cobertura jornalística influencia a visão das pessoas sobre o sentido do suicídio?

Fechar a aula com a seguinte pergunta: O que observamos e analisamos até aqui é a forma como a mídia trata o tema do suicídio de jovens. Mas será que esta é a única forma de entendermos o suicídio na atualidade? Como a história pode nos ajudar a entender e explicar este fenômeno?

Analisando o Passado

Aula 02

Nesta aula vamos ler e discutir o texto de Marx sobre o suicídio. Por meio deste material poderemos levar os estudantes a conhecer, uma análise sobre os sentidos e significados do suicídio na sociedade francesa do século XIX.

O objetivo é desenvolver uma análise deste texto e dos documentos usados por Marx



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

para construir esta pequena peça que descreve e critica alguns aspectos da sociedade burguesa do período.

SOBRE O SUICÍDIO

O número anual de suicídios, aquele que entre nós é tido como uma média normal e periódica deve ser considerada um sintoma de organização deficiente de nossa sociedade, pois na época de crise o suicídio é mais evidente e assume um carácter epidemico. A prostituição e o latrocínio aumenta, então, na mesma proporção. Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos.

As doenças debilitantes, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado.

Falam-nos de nossos deveres para com a sociedade, sem que, no ententanto, nossos direitos em relação a essa sociedade sejam esclarecidos e efetivados, e termina-se por exaltar a façanha mil vezes maior de dominar a dor ao invés de sucumbir a ela, uma façanha tão lúgubre quanto a perspectiva que ela inaugura. Fez-se do suicídio um ato de covardia, um crime contra as leis, a sociedade e a honra. Ao ver as várias pessoas abandonadas e desprezadas na miséria, como podemos exigir deles que preservem a si mesmo sem tomar alguma atitude para ajudá-las?

Que tipo de sociedade é essa que no meio de milhões é possível se sentir tão sozinho ao ponto de se matar? Sendo assim, os maiores culpados somos nós.

Entre as causas de desespero que levam as pessoas muito nervosas-irritáveis a buscar a morte, seres passionais e melancólicos, descobri os maus-tratos como o fator dominante, as injustiças, os castigos secretos, que pais e superiores impiedosos infligem às pessoas que se encontram sob sua dependência.

Roteiro de análise do texto:

- 1- Quais são os principais apontamentos de Marx sobre o suicídio?
2. Na visão de Marx qual é a relação entre o suicídio e as características da sociedade francesa do século XIX?
3. Como vocês avaliam as razões do suicídio indicadas por Marx no texto?

A seguir iremos apresentar aos alunos os dois casos descritos e estudados por Marx.



CASO 01

No mês de julho de 1816, a filha de um alfaiate foi prometida em casamento a um açougueiro, jovem de bons costumes, e trabalhador, muito enamorado de sua bela noiva, que, por sua vez, era-lhe muito dedicada. A jovem era costureira; conquistava a atenção de todos os que a conheciam e os pais de seu noivo amavam-na carinhosamente. Chegou a época do casamento; os arranjos entre as duas famílias foram providenciado e os contratos fechados. Na noite anterior ao dia em que deveriam comparecer à municipalidade, a jovem e seus pais comprometeram-se a jantar com a família do noivo; quando estavam a caminho, ocorreu um incidente inesperado e os pais da noiva não puderam ir com a filha. Apesar da ausência de dois dos principais convidados, a refeição foi das mais agradáveis. Muito tarde da noite, encontravam-se ainda à mesa, e movidos por uma indulgência facilmente compreensível, os pais do rapaz fecharam os olhos para o acordo tácito entre os dois amantes. As mãos procuravam umas às outras, o amor e a confiança tomavam-nos inteiramente. Além disso, considerava-se que o casamento estava consumado e aqueles pobres jovens já se frequentavam havia muito tempo sem que se lhes fizesse a mais leve censura. Os enamorados se reencontraram no escuro, era como se não houvesse nada a ponderar, nada a recear, Sua felicidade estava cercada de amigos e livre de toda inveja. A filha retornou somente na manhã seguinte para casa, e os pais a perceberam e irromperam furiosamente e cobriram-na com os mais vergonhosos nomes e impropérios. Em vão a consternada moça protestava a seus pais que eles mesmos a haviam abandonado à difamação, que ela assumia se agravou, sua tolice e que tudo seria reparado. As pessoas mais covardes, as mais incapazes de se contrapor, tornam-se intolerantes assim que podem lançar mão de sua autoridade absoluta de pessoas mais velhas. Padrinhos e madrinhas acorreram ao barulho e formaram um coro. O sentimento de vergonha provocado por essa cena abjeta levou a menina à decisão de dar um fim à própria vida; desceu com passos rápidos em meio a multidão dos padrinhos que vociferavam e a insultava e, com olhar desvairado, correu e se jogou no Sena. Como é evidente, aqueles que no começo gritaram contra a filha viraram-se em seguida contra os pais.

(Trecho retirado do livro Sobre o Suicídio, pp. 29-30)



CASO 02

O sr. Von M... casara-se com essa jovem havia aproximadamente um ano; segundo parecia, de comum acordo; formavam o par mais bonito que se podia ver. Depois do casamento, irrompeu de forma súbita e galopante na constituição do jovem marido um problema de sangue. Esse homem antes, tão orgulhoso de sua aparência, (...) sentiu repentinamente um mal desconhecido, contra cuja ação devastadora a ciência era impotente; ele estava transfigurado da cabeça aos pés de um modo horripilante. (...) Quando enfrentou sua fealdade e sua figura grotesca, tão logo tomou consciência disso, seu caráter amargou-se e ele ficou desalentado. Em todos aqueles que ousavam ousavam visitá-lo, via a decisão firme de conquistar o coração de sua mulher, que restava para ele como seu último orgulho e conforto. Sem se dar conta das motivações amorosas que o tornavam ciumento, o crioulo (seu irmão) aprovava essas ideias de isolamento e até estimulava em seus conselhos. Com isso, o sr. Von M... acabou retirando-se totalmente para uma linda casa em Passy, que em pouco tempo se tornou um desespero. (...) A infeliz mulher fora condenada à mais insuportável escravidão, e o sr Von M... podia praticá-la apenas por estar amparado pelo Código Civil e pelo direito de propriedade, protegido por uma situação social que torna o amor independente dos livres sentimentos dos amantes e autoriza o marido ciumento a andar por ai com sua mulher acorrentada como o avarento com seu cofre, pois ela representa apenas uma parte de seu inventário. (...) O irmão, inocente cúmplice de tudo isso, compreendeu finalmente que contribuía para a infelicidade daquela jovem - dia a dia vigiada, insultada, privada de tudo aquilo que pudesse distrair uma imaginação rica e feliz, o que a tornou tão melancólica e triste quanto havia sido livre e serena. (...) O crioulo sentiu remorso (...), exasperado de medo e atormentado pelas fantasias mais absurdas, penetrou de noite por sobre os muros, quebrou um portão, diante da entrada principal, alcançou o telhado por meio de uma escada e deixou-se deslizar pela calha até a janela de um depósito. Gritos enérgicos permitiram-no arrastar-se sem ser percebido, até uma porta de vidro. O que ele viu despedaçou seu coração A claridade de um candeeiro iluminava o quarto, Entre as cortinas, a cabeleira despenteada e o semblante purpúreo de raiva, estava o sr. Von M,,,. semi nu, ajoelhado ao lado de sua mulher, sobre a mesma cama que ela não ousava abandonar, embora tentasse escapar pouco a pouco dos seus braços, enquanto ele a dominava com reprimendas mordazes, semelhante a um tigre pronto a fazê-la de pedaços. (...) Uma longa depressão foi a sequência dessa cena,



que petrificou o crioulo. A cena, evidentemente, deveria se repetir todos os dias, pois, nas convulsões que se seguiam, a sra. Von M... recorria a ampolas preparadas por ela mesmo com a finalidade de dar a seu carrasco um pouco de sossego. Nesse momento, em Paris, o crioulo representava sozinho a família do sr. Von M..., (...) ele decidiu arriscar-se pelo tudo ou nada, assumindo todas as consequências. (...) Alguns médicos, amigos seus e decididos como ele, planejavam uma invasão na casa do sr. Von M... para constatar aquele momento de loucura e, por meio do uso imediato da força, separar os esposos, mas eis que a ocorrência do suicídio veio justificar suas precauções demasiadamente tardias e suspendeu a dificuldade. Certamente, para todos aqueles que não reduzem o espírito pleno das palavras às letras que as formam, esse suicídio foi um assassinato, praticado pelo esposo; mas também foi o resultado de uma extraordinária crise de ciúme. (Trecho retirado do livro *Sobre o Suicídio*, pp. 34-42)

Roteiro de análise dos documentos:

- 1 - Como Puchet descreve os dois casos de suicídio?
- 2 - Quais as similaridades nas situações das duas vítimas?
- 3 - Quais são os fatores abordados na introdução do texto que podemos perceber nos dois casos expostos?
- 4 - Como você avalia a leitura sobre o suicídio proposta por Pouchet nestas descrições acima?

Aula 03

Agora vamos analisar o suicídio em outro contexto histórico, o *seppuku* ou *harakiri*, uma prática cultural da sociedade japonesa que perdurou desde o século XII até a segunda metade do século XX. Utilizaremos uma fonte fílmica para discutir a construção social desta prática, mas antes apresentaremos informações sobre a produção e conteúdo do filme.

Resumo da cena do filme:

Durante a Guerra Boshin (1868-1869) o Império do Japão estava extinguindo a classe dos samurais. Após ter traído seus companheiros samurais, aliando-se ao exército imperial, o General Hasegawa (personagem fictício) perde a batalha contra os clãs samurais e é capturado. Ao ser preso seus ex-companheiros de espada permitem que ele



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

realize o *seppuku*.

Trecho do filme *The Last Samurai* (2003). Disponível em <[youtube.com/watch?v=-5xKq2vPUew](https://www.youtube.com/watch?v=-5xKq2vPUew)> Acesso em 13 de junho de 2017.

Roteiro de análise do vídeo:

- 1 - Como o filme retrata o suicídio? observe e descreva a cena.
- 2 - Como vocês veem o suicídio neste vídeo?
- 3 - Qual o significado que o filme atribui ao suicídio?
- 4 - Na sua avaliação o que significa este tipo de suicídio? Por quê?

A seguir apresentaremos um recorte do texto “O Suicídio na cultura japonesa”, para aprofundarmos a discussão sobre o significado do suicídio na sociedade nipônica e discutir as diferenças e similaridades com o significado do suicídio em nossa sociedade.

O SUICÍDIO NA CULTURA JAPONESA

Este estudo sobre o suicídio na cultura japonesa destaca dois pontos principais para sua compreensão: o HARAKIRI (também denominado SEPPUKU), dos samurais, e a crença, dos KAMIKAZES [...].

Quando iniciei meus estudos a respeito do tema abordado, há dez anos, minha compreensão era limitada apenas às causas e conseqüências do suicídio em si. Enxergava-o como um ato cometido por pessoas que passavam por um sofrimento físico e ou psicológico e que, procuravam ou tentavam através do suicídio acabar com ele definitivamente. Acreditava também que em todos os casos a pessoa que apresenta comportamento suicida estava infeliz consigo mesmo ou com o outro, o que não deixa de ser verdadeiro, mas que não é a única justificativa para uma atitude tão extrema. A complexidade envolvida nesta escolha era muito mais profunda.

Durante as minhas pesquisas e análises sobre o tema, fui compreendendo que não poderia ser tão pragmática e, à medida em que fui me aprofundando no assunto, verifiquei que no Japão, a morte, mesmo a natural, tem uma conotação muito diferente do que significa para nós, ocidentais, por isto, podemos perceber que em seus enterros não há desespero nem desaprovação, mas sim, aceitação, pois ela é entendida como o refúgio onde reina a harmonia perfeita e, através dela todos os ódios podem se apagar, contra o preço de tal sacrifício. E no caso, a morte voluntária é chamada para garantir o



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

alcance desta paz.

(Trecho retirado de HIRANO, Heidi. **O Suicídio na cultura japonesa**. Revista Brasileira de Psicologia, Salvador, Bahia, 02(02), p.7, 2015.)

Roteiro de análise do texto:

- 1 - Como o texto descreve o suicídio na cultura japonesa?
- 2 - Quais as diferenças e similaridades entre as formas de interpretar o suicídio na nossa sociedade e na sociedade nipônica?

Síntese

Aula 04

Nesta aula vamos apresentar uma visão panorâmica do suicídio na história ocidental. Trata-se de uma atividade na qual os alunos interpretem o suicídio como uma construção histórica.

Nesta aula serão utilizados dois materiais. Uma apresentação em powerpoint com imagens sobre a morte na idade média e contemporânea para ajudar a discutir o texto. O Texto apresenta de maneira sintética as diferentes formas como o suicídio foi visto ao longo da história ocidental.

Momento 01: Apresentar as imagens e provocar os alunos;

Momento 02: Ler e discutir o texto com os alunos;

Momento 03: Voltar às imagens e discuti-las à luz do conteúdo do texto.



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

IMAGENS:

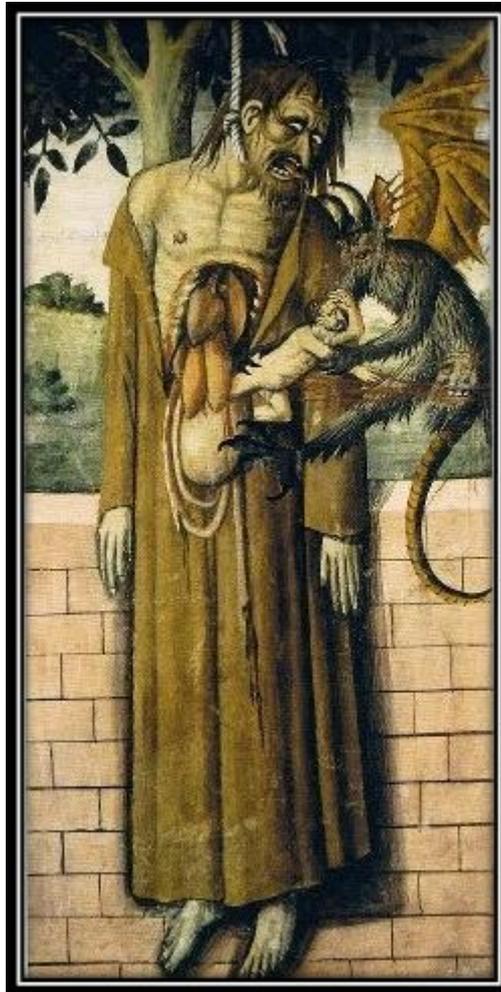


FIGURA 1 – IMAGEM REPRESENTANDO O SUICÍDIO NA IDADE MÉDIA:
John Canavesio (1450-1500) The Suicide of Judas, 1492 Afresco, Chapel of Notre Dame des Fontaine, França. Retirado de <arteseanp.blogspot.com.br/2013/10/imagem-semanal-suicidio.html> Acesso em: 19/06/2017 às 21:17.



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.



FIGURA 2 – IMAGEM REPRESENTANDO O SUICÍDIO NA CONTEMPORANEIDADE:

“Individualismo e suicídio”. Retirado de

<amantesporlivrosefilmes.blogspot.com.br/2015/11/resenhando-suicidas-do-autor-raphael.html> Acesso em: 19/06/2017 às 21:47.

Roteiro de análise das imagens:

- 1 - Identifique que período da história elas ilustram.
- 2 - Como o suicídio está representado em cada uma delas.
- 3 - Por que o suicídio é representado de diferentes maneiras?
- 4 - O que cada uma destas imagens querem dizer? Por quê?



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

O SUICÍDIO AO LONGO DO TEMPO

A palavra **suicídio** em um dicionário da língua portuguesa comum *se define como um ato voluntário em que um indivíduo possui a intenção e provoca a própria morte.*

O suicídio não se trata de uma novidade do nosso tempo, ele foi praticado ao decorrer da história da humanidade.

Ao longo da história, na antiguidade, na idade média, moderna e contemporânea, como a sociedade enxergou o ato de tirar a própria vida?

Na **Antiguidade** o suicídio era tido como um ato clandestino, patológico, solitário e somente seria tolerado com a permissão da sociedade.

O ato suicida era considerado uma forma de transgressão.

Nos casos tolerados, algumas formas de se praticar o suicídio eram interpretadas como "**má morte**". O enforcamento, por exemplo, era visto como uma covardia, e em alguns casos, a prática suicida era considerada indigna e profanadora do corpo.

O suicídio na **Idade Média** era considerado um ato criminoso, resultado de uma tentação diabólica de desespero. Afirmava-se que tirar a própria vida era desrespeitar a autoridade da Igreja ou violar a leis da morte; e nenhum mortal deveria poder arrogar-se o direito de tomar a decisão de morrer pelas suas próprias mãos.

A Igreja Católica permitia a mutilação do corpo do suicida, a confiscação dos seus bens, a privação de sepultura em terra consagrada e a recusa de orações em sua atenção.

Nos primeiros tempos da **Era Moderna**, na Europa Ocidental, o suicídio passou a ser discutido com maior abertura.

Começam a estudar o suicídio e identificá-lo como uma **patologia**.

A Igreja continuava a identificar o suicídio como uma ação demoníaca, a justiça continuava a julgar o ato como um ato criminoso, mas, começa a se pensar o suicídio a partir de um **ponto de vista social**.

Na chamada **Idade da Razão**, o suicida passou a ser considerado como **vítima**, deixando de ser visto apenas como objeto de acusação e, no século XIX, **o suicídio começou a ser estudado pela sociologia e pela medicina**.



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

No final do **século XIX**, foi reconhecido, a partir de um **ponto de vista social**, que a ansiedade, o stress e outros problemas e mal-estares produzidos pela própria sociedade provocaram graves danos aos indivíduos, que em alguns casos chegavam a cometer o suicídio.

Aula 05

PLANO A

Trabalho de síntese. A turma irá elaborar uma intervenção teatral de 5 minutos que sintetize sua compreensão as diferentes interpretações do suicídio debatidos ao longo da oficina. Esta atividade pode ser feita em grupos separados ou elaborada coletivamente pela turma e apresentada na escola durante o intervalo.

PLANO B

Nesta aula vamos realizar uma síntese. Para tanto vamos apresentar uma reportagem que associa a série 13 Reason Why e a questão do machismo. Nosso objetivo é oferecer um material que lhe permita comparar a realidade do século XIX e a realidade atual.

A série 13 Reasons Why aborda o tema do suicídio a partir do bullying contando a história de Hannah Baker, uma adolescente norte-americana que vive os dramas típicos da idade. A forma como a série tratou o tema permite pensar quais são os dramas mais específicos que jovens adolescentes do sexo feminino vivem e que podem levá-las ao suicídio. Destaca-se neste universo o problema do machismo, são diversas as situações vividas por Hannah que indicam que ela sofria com práticas e valores machistas característicos da nossa sociedade contemporânea. No século XIX o problema do machismo já chamava a atenção de Marx quando ele se dedicou a estudar as razões que levavam as mulheres ao suicídio.

Recentemente foi publicada uma matéria no jornal Estadão em que a colunista problematiza e enumera 13 atitudes machistas que podem ser percebidas na série, mas que também estão presentes no cotidiano de muitas mulheres e jovens adolescentes. Com base na matéria abaixo, responda as seguintes questões:



13 – machistas – reasons why

Por *Letícia Sorg*

17/04/2017, 11h21

1 Imagens íntimas: Após dar o primeiro beijo, Hannah descobre que o mocinho tirou uma foto indiscreta. Mostrou para os amigos e um deles enviou para meia escola. Pronto, lá estava seu primeiro e inocente encontro à espera da maldosa interpretação alheia. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *nunca tire fotos íntimas nem repasse para os outros sem autorização. Se uma imagem chegar até você, apague. Não ajude a espalhar um conteúdo que pode causar danos aos envolvidos – e pode ser classificado como crime, ainda mais grave se a pessoa retratada for menor de idade.*

2 Slut shaming: Não contente em espalhar a foto de Hannah, o moço se vangloria de ter transado com ela. Era uma mentira, que não impediu que ela fosse tachada de ‘vagabunda’. Ainda que fosse verdade, por que uma menina precisa ter vergonha de viver sua sexualidade? Por que meninos podem e meninas, não? **#NaoSejaUmPorQueMachista:(..)** *Não julgue as pessoas por seu comportamento sexual. Lembre-se: as meninas e mulheres têm direito à sua própria sexualidade, tanto quanto meninos e homens.*

3 Objetificação: (...) um dos adolescentes faz uma lista com as meninas mais bonitas da escola. Com uma particularidade: elege as partes mais bonitas do corpo delas, pernas, bunda, seios.... **#NaoSejaUmPorQueMachista:** (...) *fazer esse tipo de lista, que trata meninas e mulheres como pedaços de carne, é problemático. Algumas podem se sentir lisonjeadas, mas é preciso entender e respeitar se alguém tomar como ofensa. (...)*

5 Assédio sexual: (...) **Não** se sinta no direito mexer com alguém na rua ou no corredor da escola – **#ChegadeFiuFiu** – nem de tocar o corpo de alguém sem consentimento. Bom lembrar que, na lei brasileira, esse comportamento caracteriza estupro.

7 Nada é convite: Elas podem usar roupas curtas, justas. Podem ter bebido além da conta. Nada disso é desculpa ou justificativa para avançar sinais, como aconteceu na festa da personagem Jessica. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *Não julgue mulheres e meninas pela roupa que vestem nem pelo tanto de bebida que consomem. (...)*

8 Consentimento: Na série, um dos meninos entende que, se a menina está bêbada e não consegue articular uma resposta, não é sexo o que está acontecendo.



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID
Planos de Aula de Oficinas Temáticas – Oficina Suicídio
Grupo: André, Alana, Daniel, Giovani, Heloisa, Vinicius e Victor.
Turmas: 2ºB Colégio Marechal Rondon; 2ºA e 2ºE Colégio Eron Domingues.

#NaoSejaUmPorQueMachista: *Uma pessoa incapaz de conversar é uma pessoa incapaz para o sexo (...)*

9 Brotherhood: Assim como as mulheres são retratadas como inimigas, os homens geralmente são vistos como tão ‘brothers’ que protegem uns aos outros mesmo que haja uma conduta criminosa. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *Amizades são importantes, mas não há amigo que valha desrespeitar os nossos valores. Se não gostar do comportamento do grupo, se afaste. Se presenciar atos de desrespeito e crimes, denuncie. (...)*

12 A culpa da vítima: Para alguém que sofreu assédio ou estupro, é difícil reunir forças para falar sobre a violência. Pior ainda se, como aconteceu com Hannah, topar com alguém mais preocupado com detalhes jurídicos do que com a dor da vítima. **#NaoSejaUmPorQueMachista:** *Se uma menina ou mulher contar um ato de violência, não pergunte que roupa ela vestindo, quanto tinha bebido e se tentou dizer não ou reagir. (...) A culpa é sempre do agressor.*

13 Engole o choro: (...) também os meninos e homens são vítimas do machismo. Espera-se deles uma força, uma postura, um silêncio especialmente prejudiciais na adolescência, quando temos tantas dúvidas e fortes emoções. Hannah é quem se suicida na série, mas as estatísticas mostram que, na realidade, meninos e homens são a maioria entre as vítimas. Como pedir ajuda, chorar e conversar são comportamentos geralmente associados ao feminino, meninos e homens muitas vezes vivem sua dor sozinhos, aumentando os riscos de suicídio.

(Adaptado do texto de *Letícia Sorg, Jornal O Estadão. 17/04/2017*)

Roteiro de análise do texto:

- 1 - A partir do estudo de Marx sobre o suicídio e a leitura da matéria sobre a série “13 porquês”, pode-se dizer que o suicídio é um problema gerado pela sociedade na qual vivemos? Por quê?
- 2 - Quais as diferenças e semelhanças podem ser percebidas entre o machismo presente no século XIX e na sociedade atual a partir do texto do Marx e da matéria apresentada acima?